

PERSONALIDADES AFRO E INDÍGENAS

Todas nós, trabalhadoras e trabalhadores da educação, ao tratarmos da temática da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena, nos deparamos com a falta de conhecimento sobre personalidades de destaque dessas culturas para o quadro de referências no processo de formação identitária das/dos discentes. Em resposta a estas dificuldades, as/os discentes da disciplina Tópicos Antropológicos – relações étnico-raciais e educação: temática afro-brasileira e indígena no currículo escolar, do curso de Antropologia – Diversidade Cultural Latino-americana (ministrada pela professora Angela Maria de Souza e pelo professor Spensy Kmitta Pimentel¹) propuseram uma lista de personalidades afro-brasileiras e indígenas que pode orientar as educadoras, os educadores e demais profissionais da área.

A lista é diminuta, mas é resultado de um esforço coletivo de disponibilizar algumas referências dos diversos campos do saber e da arte, além de figuras emblemáticas na história da luta e da resistência da população afro-brasileira e dos povos indígenas, destacando seus principais feitos. Teve-se como preocupação a pluralidade de referências, observando o cuidado de ter nomes femininos e masculinos, de diferentes gerações, e com material disponível de livre acesso em sítios de busca na internet, facilitando, assim, o uso nas mais diversas atividades na educação e na formação de educadoras e educadores.

¹ Atualmente, o professor Spensy Kmitta Pimentel está na Universidade Federal do Sul da Bahia.

1 TAKUMÃ KUIKURO (1983 –)

Cineasta

Takumã nasceu na aldeia de Ipatse, no Parque Nacional do Xingu (Mato Grosso). Quando era criança, na década de 1980, havia uma série de televisão chamada *Xingu* cujas filmagens aconteciam em sua aldeia. Desde essa época, Takumã conta que se fascinava pelas câmeras.

A partir de 2002, participou de oficinas de formação audiovisual por meio da Vídeo nas Aldeias, ONG voltada à produção audiovisual indígena com o objetivo de fortalecer e resguardar o patrimônio cultural desses povos. Com o curso, Takumã produziu diversos curtas premiados em festivais, entre eles *O dia em que a lua menstruou* (2004), *Cheiro de pequi* (2006) e *As hiper mulheres* (2011), seu filme mais conhecido. Em relação a essa obra, é interessante comentar que foi produzida junto a toda a comunidade e, também, dirigida pelo próprio Takumã, ao lado do antropólogo Carlos Fausto e do diretor de fotografia francês Leonardo Sette. O filme trata de um ritual vivenciado entre as mulheres Kuikuro, em que a única que conhece os cantos dessa passagem adoece e é necessário aguardar sua recuperação.

No mesmo ano de produção desse filme, Takumã iniciou a formação como editor por meio de uma bolsa na Escola de Cinema Darcy Ribeiro, no Rio de Janeiro. Seu filme mais recente se chama *Karioka* (2014), e conta a história de uma viagem de sua família ao Rio de Janeiro, com os pais preocupados com a mudança para a cidade, temendo os acontecimentos mostrados pela televisão.

Feitos importantes

- a. um de seus filmes, *As hiper mulheres*, recebeu, em 2012, três prêmios no festival Olhar de Cinema — Curitiba Int'l Film Festival: melhor longa-metragem segundo júri, público e crítica.

2 SONIA GUAJAJARA (1974 –)

Pós-graduada em Educação Especial. Atual coordenadora-executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB)

Sonia faz parte do povo Guajajara, do Maranhão. Para ela, a educação é e sempre foi uma ferramenta fundamental de transformação. Assim, aos dez anos começou a cursar o Ensino Fundamental na cidade de Amarante (MA). Já o Ensino Médio cursou bem longe de casa — em Esmeraldas (MG). Desde jovem já era militante de seu povo, mostrando para os colegas na escola que índio “não é um bicho exótico”. Muito pelo contrário, é pessoa que luta, participa e, segundo suas próprias palavras, ajuda a proteger a humanidade do caos.

Quando se tornou adulta, Sonia atuou como auxiliar de enfermagem nas aldeias Canudal e Zutiw’a, e como professora em diversas escolas, incluindo as de pessoas com necessidades especiais. Em 2001, passou no vestibular de

Letras na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e posteriormente pós-graduou-se em Educação Especial.

Em relação à militância, Sonia realizou várias ações relevantes. Foi responsável pela institucionalização do movimento indígena no Maranhão, participou de eventos da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) e de encontros nacionais e locais. Além disso, em 2008, compôs o fórum permanente da ONU — no qual, ao perceber que as discussões estavam girando em torno dos EUA, disse que os EUA não são o centro do mundo como muitos pensam e eles mesmos apregoam, mas que o centro do mundo é a Amazônia, pois se acabarem com as nossas matas e riquezas naturais não haverá Estados Unidos ou Nova Iorque que sobreviva.

Numa entrevista para a revista *CartaCapital*, Sonia afirmou que houve até agora três etapas do movimento indígena do Brasil: “A gente teve o momento pré-constituinte, onde as lideranças lutaram pra garantir os direitos indígenas. Depois, teve o momento de lutarmos pelo cumprimento dos direitos adquiridos. E, agora, estamos lutando para não perder esses direitos” (2013). Com efeito, segundo ela, a atual política de desenvolvimento do país é baseada “somente em crescimento econômico, financeiro e capitalista, que abandona, isola, massacra e expulsa pessoas de suas terras, tudo vale para construir hidrelétricas para geração de energia que beneficiará as multinacionais e os donos do Capital” (2013).²

Feitos importantes

- a. fez várias viagens internacionais denunciando Belo Monte, a violência e violação de direitos;
- b. em defesa do Código Florestal, ficou mundialmente famosa por entregar a Motosserra de Ouro para a senadora Kátia Abreu;
- c. coordenou a organização do Acampamento Terra Livre em 2012, na Cúpula dos Povos, contrapondo o evento mundial da Rio+20;
- d. coordenou a Semana dos Povos Indígenas em 2013 e a ocupação do Plenário da Câmara e do Palácio do Planalto.

3 PETRONILHA GONÇALVES E SILVA (1942 –)

Educadora, doutora em Ciências Humanas

Gaúcha de Porto Alegre, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva é graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com licenciatura em português e francês, e tem trajetória no âmbito da educação. Do magistério nas redes pública e particular, partiu para a busca de maior preparo, aprofundando a formação profissional.

² Para ler a entrevista completa, acesse: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/201ce-hora-de-ir-para-cima-para-o-embate201d-4865.html>>.

Da docência e coordenação pedagógica no Ensino Médio em escolas como Godói e Sévigné ou cargos técnicos na Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul, Conselho Estadual de Educação do mesmo Estado e atividades ligadas à Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul (PUC-RS), foi chamada para a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), de onde irradiou suas potencialidades em ações vinculadas à Universidade de São Paulo (USP) e eventos científicos pelo Brasil e países como Peru, México, EUA, Canadá e Senegal.

Indicada pelo movimento negro para a Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, Petronilha integrou como relatora a comissão que elaborou o parecer CNE/CP nº 3/2004. O documento regulamenta a Lei nº 10.639/2003 e estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos termos do artigo 26 da Lei nº 9.394/1996 (Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional).

Feitos importantes

- a. publicou diversos livros sobre a temática negra e educação, destacando-se *Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica*, escrito em conjunto com o professor-doutor Valter Roberto Silvério;
- b. é professora titular em Ensino-Aprendizagem — Relações Étnico-Raciais no Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas do Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCar,
- c. como pesquisadora, compõe o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFSCar e o International Research Group on Epistemology of African Roots and Education (Grupo de Pesquisa Internacional sobre epistemologia de raízes africanas e educação), coordenado pela Dra. Joyce E. King, da Georgia State University/EUA;
- d. é conselheira do World Education Research Association (WERA, Associação Mundial dos Pesquisadores em Educação) representando a Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN) e a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED);
- e. é conselheira da Fundação Cultural Palmares, nos termos da Portaria nº 141, de 28/12/2011.
- f. em 2011, recebeu, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), o prêmio Educação para a Igualdade, por ser a primeira mulher negra a ter assento no Conselho Nacional de Educação, por relevantes serviços prestados ao país e pela valiosa contribuição para a educação brasileira no combate ao racismo.

4 PATRÍCIA FERREIRA KEREXU (1985 –)

Cineasta

Patrícia Ferreira nasceu na aldeia Tamanduá, do povo Mbya Guarani em Misiones, na Argentina. Com dez anos, foi viver na aldeia Kunhã Piru, também em Misiones, e três anos depois foi para Salto do Jacuí, no Rio Grande do Sul. Em 2002, mudou-se para a aldeia Koenju, em São Miguel das Missões (RS), onde é professora na Escola Indígena Iguineu Romeu.

Ela começou seus estudos em Tamanduá, onde permaneceu até o terceiro ano, e continuou em Kunhã Piru e se formou em magistério em 2010. Não há muitas informações a respeito de como se tornou uma cineasta; sabe-se que começou essa caminhada por meio da ONG Vídeo nas Aldeias.

Em 2009, participou de oficinas de formação em audiovisual para o povo guarani. No mesmo ano, contribuiu na realização do curta-metragem *Nós e a cidade*, em parceria com seu marido, Ariel.

Feitos importantes

- a. seu filme *Bicicletas de Nhanderu* recebeu o Prêmio Cora Coralina no XIII FICA (Festival Internacional de Cinema Ambiental) de Goiás, Brasil, 2011;
- b. em parceria com o marido, Ariel Kerexu, e Kuaray Poty, escreveu o livro *Tekoá Koenju Ojexauka* (Aldeia Alvorecer se apresenta).

5 OLÍVIO JEKUPÉ (1965 –)

Escritor

Olívio é do povo guarani e mora na aldeia Krukutu em Parelheiros (SP), mas é natural de Nova Itacolomy, no Paraná. Começou a escrever em 1984, quando o Brasil ainda passava pelo período ditatorial e muitos dos crimes contra a população indígena ficavam encobertos.

Fez a graduação em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, entre 1988 e 1990, porém não conseguiu terminar os estudos devido às dificuldades financeiras e ao frio da cidade. Dois anos depois, em 1992, iniciou o mesmo curso na Universidade de São Paulo (USP) e, após quatro anos de estudos, acabou sendo obrigado a abandonar mais uma vez devido à falta de recursos financeiros.

Em relação à importância da escrita, Olívio afirma: “Com a nova lei 11.645, onde terá que falar sobre os povos indígenas, os professores terão mais assunto para discutir, e melhor, mais conhecimento para ser discutido nas salas de aula. Sei que antes os professores falavam sobre os povos indígenas, mas não tinha muitos livros sobre essa questão. Por isso, nós índios temos que escrever mesmo, e com sabedoria, porque, levaremos nosso conhecimento ao mundo.”

Até hoje, Olívio publicou sete livros de literatura, além das coletâneas com outros autores, somando um total de 12 publicações.³

Feitos importantes

- a. é membro do Núcleo dos Escritores e Artistas Índigenas (Nearin) desde 2004;
- b. foi um dos fundadores da Associação Guarani Nae'en Porã, de sua própria aldeia.

Lista dos livros de Olívio Jekupé

As queixadas e outros contos guaranis (2013);
Tekoa — Conhecendo uma aldeia indígena (2011);
A mulher que virou urutau, com Maria Paulina Kerexu (2011);
*Ajuda do saci*⁴ (2006);
Verá, o contador de histórias (2005);
Xerekó Arandu, a morte de Kretã (2002);
Iarandu, o cão falante (2002);
Literatura escrita pelos povos indígenas (2009) – não ficção.

6 KAROL CONKÁ (1987 -)

Cantora de rap

Karol Conká nasceu na cidade de Curitiba (PR) e se iniciou no *rap* com 16 anos, num concurso de artes na escola. Sua primeira apresentação em palco foi abrindo o show do grupo GOG. As letras que escreve são a expressão de suas ideias e sua vida pessoal. Por isso, acabam envolvendo o tema do preconceito racial, mas também da superação.

Os pais de Karol se separaram quando ela tinha 11 anos. O pai a marcou muito, porque sempre buscava levantar sua autoestima apesar do preconceito na escola. Numa entrevista para a revista *Fórum*, ela disse: “Chegava no colégio e queria que o menininho me olhasse como ele olhava minhas amigas, e ele não me olhava. Um dia, cheguei da escola e falei pro meu pai: ‘Um menino me chamou de feia. Você fala que eu sou linda, mas eu sou feia. Ele falou que eu sou preta’. O pai lhe respondeu: ‘Não, quem falar que você é feia tem problema’”.

Karol tem uma série de histórias sobre a escola para contar. Em relação ao preconceito racial, afirma, nessa mesma entrevista: “O que mais me impressiona hoje, vendo o passado, é como o professor atrapalha no processo. Ou ele se omite diante de uma situação de preconceito ou rejeição, ou ele

³ Para ler o texto completo, acesse: <<http://caxirinaufscar.blogspot.com.br/2012/07/literatura-nativa-escrita-por-indios.html>>.

⁴ Os livros *Ajuda do saci* e *A mulher que virou urutau* foram publicados em edições bilíngues, com texto em português e guarani.

participa ativamente daquilo. Eu tinha um cabelão enorme, *black*, e minha mãe fazia trancinhas. Ia toda linda pro colégio. Tinha uma professora muito sacana, que um dia tirou todas as trancinhas. Eu tinha cinco anos, me lembro até hoje dela rindo e das crianças rindo muito, e eu chorando, porque não queria que soltassem meu cabelo”.

Atualmente, a carreira musical de Karol está em destaque. Recebeu indicação na categoria “Aposta” do VMB (Video Music Brasil, programa da MTV que premia, a partir de um júri técnico, os melhores videoclipes) em 2011. Seu primeiro álbum, o *Batuk Freak* (2013), foi indicado na categoria “Rap nacional” da Retrospectiva UOL em 2013.⁵

Feitos importantes

- a. ganhou o prêmio “Revelação” do Multishow em 2013.

7 ENEDINA ALVES MARQUES (1913–1981)

Engenheira civil

Enedina Alves Marques foi a primeira engenheira negra do Paraná. Sua vida foi marcada pela superação de uma série de obstáculos sociais, incluindo a origem pobre. Era filha de Paulo Marques e Virgília Alves Marques, que se separaram quando era jovem. Trabalhou como babá para se sustentar e acabou contando com a família à qual servia para se manter nos estudos. Em 1931, finalizou o ensino normal e, com o objetivo de cursar o ensino superior, preparou-se fazendo o curso pré-engenharia, na Universidade Federal do Paraná, e o preparatório do Colégio Estadual do Paraná. Como professora, Enedina atuou no Grupo Escolar de São Mateus do Sul, de Cerro Azul, Rio Negro, Passaúna e Juvevê, em Curitiba.

Ainda em relação à sua formação, sabe-se que Enedina cursou Engenharia Civil entre 1940 e 1945, ao mesmo tempo em que era professora e empregada doméstica. Há depoimentos relatando a dedicação dela, que passava as noites estudando. Também há uma dissertação de mestrado que levanta a hipótese de que algumas de suas reprovações na faculdade foram resultado do preconceito. Entretanto, enfrentou as dificuldades provando sua capacidade intelectual.

Um de seus primeiros trabalhos como engenheira foi como servidora pública, na Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado do Paraná, onde atuou numa série de obras. Entretanto, seu papel como engenheira é pouco lembrado até hoje. E, de fato, mesmo no Estado do Paraná vê-se poucas homenagens a ela, todas concentradas na cidade de Curitiba: um nome de rua e uma inscrição no Memorial à Mulher Pioneira. Também possui o nome gravado no Livro do Mérito do Sistema CONFEA/CREA (Conselhos Federal e Regional de Engenharia e Agronomia).

⁵ Para ler a entrevista completa, acesse: <<http://www.revistaforum.com.br/2013/12/14/ok-vou-fazer-rap-e-ser-mulher/>>.

Feitos importantes

- a. na Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado do Paraná, atuou como engenheira fiscal de obras; foi chefe da Seção de Hidráulica; chefe da Divisão de Estatísticas e do Serviço de Engenharia da Secretaria de Educação e Cultura;
- b. participou da construção e do levantamento topográfico da Usina de Parigot de Souza (também conhecida como Capivari-Cachoeira);
- c. foi membro da Associação Brasileira de Engenheiros e Arquitetos do Brasil e do Instituto de Engenharia do Paraná;

8 DANIEL MUNDURUKU (1964-)

Escritor

Daniel Munduruku é um escritor indígena brasileiro nascido em Belém, no Pará, na aldeia Maracanã — do povo Munduruku. Possui graduação em Filosofia (1989), licenciatura em História e Psicologia e doutorado em Educação pela USP (2010). Além disso, possui o título de pós-doutor em Literatura pela Universidade Federal de São Carlos — UFSCar (2012).

Seus livros têm como objetivo desmistificar as ideias preconceituosas que ainda persistem no Brasil a respeito das populações indígenas. Afinal de contas, quando estava na escola, na cidade, ele viveu na pele o preconceito dos professores, que associavam o indígena ao atrasado, ao pobre, ao selvagem. Para Munduruku, escrever é um ato de militância que permite criar uma nova concepção dos povos indígenas para o Brasil.

Um de seus livros, chamado *O banquete dos deuses*, é voltado para professores em sala de aula. Devido a sua produção literária, Daniel recebeu em 2006 o título de comendador da Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República. Além disso, é membro da Academia de Letras da cidade de Lorena (SP) e Conselheiro Executivo no Museu do Índio (RJ).

Daniel Munduruku já foi professor das redes estadual e particular de ensino, lecionando para crianças e jovens. Atualmente, é presidente do Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual (Inbrapi), ONG voltada para a proteção dos conhecimentos tradicionais das aldeias, e diretor do Instituto UKA — Casa dos Saberes Ancestrais.

Feitos importantes

- a. tem 45 livros publicados;
- b. sua primeira obra, *Histórias de índio* (Companhia das Letrinhas), de 1996, vendeu mais de 60 mil cópias e está na 16ª edição;
- c. possui um livro, chamado *Meu vô Apolinário*, que recebeu o Prêmio Literatura para Crianças e Jovens na categoria Tolerância, da Unesco.

9 CIDINHA DA SILVA

Escritora

Cidinha da Silva, ou Maria Aparecida da Silva, nasceu em Belo Horizonte, mas atualmente vive em São Paulo. Formou-se em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Iniciou-se como escritora — ou prosadora, como ela gosta de ser definida — em 2006. Suas publicações estão ligadas às temáticas racial e de gênero, no intuito de promover maior espaço para essas “minorias”.

Em fevereiro de 2005, fundou o Instituto Kuanza, que tem por objetivo desenvolver projetos no campo da educação, das ações afirmativas, pesquisa, comunicação, juventude e da articulação comunitária. Todos encontram-se vinculados à discussão sobre as assimetrias raciais e de gênero e subsidiam a formulação de políticas públicas nessas áreas.

É coautora de cinco livros, dentre eles destacam-se: *Rap e educação, rap é educação* (1999) e *Racismo e anti-racismo na educação: repensando a nossa escola* (2001), ambos pela Selo Negro Edições. Além disso, organizou a obra *Ações afirmativas em educação: experiências brasileiras*, de 2003, atualmente na terceira edição, adotada em 2005 pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte e, em 2006, pelo Fundo para o Desenvolvimento da Educação de São Paulo (FDE).

Escreveu ainda diversos artigos sobre relações raciais e de gênero publicados no Brasil, Uruguai, Costa Rica, Estados Unidos, Inglaterra, Suíça e Itália. Sua inserção na literatura afro-brasileira ocorreu com o livro *Cada tridente em seu lugar*, já em sua segunda edição (2007). A obra foi pré-selecionada pela Fundação Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, para integrar o projeto de expansão de bibliotecas públicas por cidades do interior do Brasil. As narrativas *Domingas e a cunhada*, inserido nesta obra, *Pessoas trans* e *Angu à baiana* tiveram os direitos de filmagem adquiridos pela produtora Lúmen Vídeos, de Vitória (ES).⁶

Feitos importantes

- a. sua obra *Cada tridente em seu lugar* foi pré-selecionada pela Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro para integrar a expansão de bibliotecas públicas em cidades do interior brasileiro;
- b. em 2013, tornou-se a chefe de representação da Fundação Palmares em São Paulo, em substituição a Nuno Coelho;
- c. é uma das 100 autoras e autores negros cuja obra foi analisada na coletânea *Literatura e afrodescendência: antologia crítica*, organizada por Eduardo Assis e publicada pela Editora UFMG em 2001.

⁶ Adaptado de: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/data1/autores/42/dados1.pdf>>.

10 BROS MC'S

Rappers

Os Bros MC's são um grupo de *rap* formado por Bruno, Charlie, Kelvin e Clemerson. Eles são da aldeia Bororó, do povo guarani kaiowá do Mato Grosso do Sul. Os guarani kaiowá ficaram famosos no Brasil a partir de 2013, quando fizeram uma denúncia pelo Facebook do conflito com o agronegócio.

O grupo de *rap* surgiu em 2008, a partir do projeto Pontos de Cultura da Universidade Federal da Grande Dourados. Os quatro jovens assistiram à oficina dos grupos de dança da Central Única das Favelas (CUFA) e a partir daí iniciaram o contato com o *rap*. O nome do grupo é Bros MC's porque Clemerson e Bruno são irmãos, assim como Charlie e Kelvin.

Como grupo, já se apresentaram em vários shows pelo país. Em 2012, lançaram seu primeiro CD, cantaram na abertura de um *show* de Milton Nascimento e até mesmo participaram de um programa na Rede Globo de Televisão. Um dos aspectos mais interessante de suas músicas é que elas mesclam o português com o guarani, além de se utilizar de um estilo musical norte-americano. Além disso, para eles, a música dos Bros MC's representa a resistência guarani, relatando as histórias de preconceito e de sofrimento de seu povo.

Feitos importantes

- a. foram os vencedores no festival de música RPB Festival de Campo Grande, em 2009;
- b. apresentaram-se no Fórum Social Temático em 2012;
- c. em 2010, fizeram mais de 30 apresentações musicais;
- d. apresentaram-se na inauguração do SESC Belenzinho, em São Paulo.

11 ANTONIETA DE BARROS (1901–1952)

Política e educadora

Nascida em 11 de julho de 1901, Antonieta de Barros foi a primeira mulher a integrar a Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Educadora e jornalista atuante, teve que romper muitas barreiras para conquistar espaços que, em seu tempo, eram inusitados para as mulheres — e mais ainda para uma mulher negra.

Deu início às atividades como jornalista na década de 1920, criando e dirigindo em Florianópolis, onde nasceu, o jornal *A Semana*, mantido até 1927. Na mesma década, dirigiu o periódico *Vida Ilhoa*, na mesma cidade. Como educadora, fundou o Curso Antonieta de Barros, que dirigiu até a sua morte, em 1952, além de ter lecionado em outros três colégios.

Manteve intercâmbio com a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e, na primeira eleição em que as mulheres brasileiras puderam

votar e receberem votos, filiou-se ao Partido Liberal Catarinense, que a elegeu deputada estadual. Tornou-se, desse modo, a primeira mulher negra a assumir um mandato popular no Brasil, trabalhando em defesa dos direitos da mulher catarinense.⁷

Feitos importantes

- a. publicou diversos trabalhos compilados no livro *Farrapos de ideias*, sob o pseudônimo de Maria da Ilha;
- b. foi a primeira mulher negra a ser eleita deputada estadual no país;
- c. foi a primeira mulher a ser eleita em Santa Catarina;
- d. fundou e dirigiu o jornal *A Semana* (1922/27);
- e. foi diretora da revista quinzenal *Vida Ilhoa* (1930).

12 ANDRÉ REBOUÇAS (1838–1898) e ANTÔNIO REBOUÇAS (1839–1873)

Engenheiros militares

Os irmãos Rebouças eram filhos de um advogado português e uma mulher negra ex-escravizada. Provavelmente foram os primeiros negros com ensino superior no Brasil, pois cursaram Engenharia Militar em 1854 — ou seja, antes mesmo da Abolição (1888).

Eles ficaram conhecidos no Paraná por diversas obras, em especial a Estrada da Graciosa, que liga Curitiba a Antonina, e a ferrovia que liga a capital a Paranaguá. Além disso, atuaram em prol da modernização do país, construindo docas por vários estados, captando recursos no exterior para as obras, defendendo o melhor preparo de nossos produtos agrícolas para a exportação e até idealizando a estrada que seria a BR-277.

André Rebouças, em especial, era muito próximo de d. Pedro II. Em 1870, propôs ao imperador que a construção de ferrovias no Brasil fosse acompanhada pela entrega de terras a negros alforriados. Em outras palavras, tratava-se de uma proposta de reforma agrária. Entretanto, passou a ser perseguido politicamente, ainda mais quando institucionalizou sua defesa da Abolição, entrando na campanha abolicionista.

Os irmãos Rebouças tiveram um fim trágico. Antônio morreu cedo, com 35 anos, inviabilizando algumas de suas obras. Quanto a André, ele acabou falindo, boicotado pela oligarquia cafeeira do país.

Feitos importantes

- a. buscaram apoio financeiro e reconhecimento internacional para Carlos Gomes, compositor brasileiro;

⁷ Texto extraído de: <http://www.palmares.gov.br/?page_id=8258>.

- b. André Rebouças concluiu as obras da estrada de ferro que liga Curitiba a Paranaguá, utilizando a ideia de túneis para contornar as dificuldades topográficas da obra;
- c. como tenente do Corpo de Engenheiros da Escola Militar, Antônio Rebouças foi o responsável pela reforma da Fortaleza de Santana de Florianópolis, em 1863;
- d. Antônio foi engenheiro chefe da obra da Estrada da Graciosa;
- e. André Rebouças inventou o torpedo de guerra como se conhece hoje;
- f. André Rebouças tratou do problema de abastecimento de água do Rio de Janeiro no século XIX, criando soluções por meio de mananciais vizinhos;
- g. André contribuiu na fundação da Sociedade Brasileira contra a escravidão;
- h. os irmãos Rebouças projetaram a primeira ponte de concreto armado do Brasil, a do Rio Piracicaba.